

Prémio *Melhor Livro Europeu de Teologia*
Livro do Mês, nos EUA

PACIÊNCIA COM DEUS

OPORTUNIDADE PARA UM ENCONTRO

Tomáš Halík

18
fevereiro
nas
livrarias



TOMÁŠ HALÍK

Paciência com Deus

OPORTUNIDADE PARA UM ENCONTRO



COLEÇÃO
POÉTICAS DO VIVER CRENTE
SÉRIE LINHAS DE RUMO

O presente é um entrançado de linhas múltiplas e descontínuas que se cruzam, dando forma ao que os nossos olhos hoje veem. Dentre elas, porém, algumas apontam já os caminhos de sabedoria que nos conduzem profeticamente ao amanhã.

Coordenação da coleção: José Tolentino Mendonça

<i>Título original:</i>	Vzdáleným Nablízku © 2007, Tomáš Halík – Praga
<i>Tradução</i>	© 2012, Paulinas Editora
<i>Tradutor</i>	Maria do Rosário de Castro Pernas
<i>Imagem da Capa</i>	<i>Pessoas em árvores</i> (1964), de Mikola Gnisyuk, Lumière Brothers Center for Photography (Centro de Fotografia Irmãos Lumière), Moscovo
<i>Capa</i>	Alexandra Maia
<i>Pré-impressão</i>	Paulinas Editora – Prior Velho
<i>Impressão e acabamentos</i>	Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda
<i>Depósito legal</i>	354 804/13
<i>ISBN</i>	978-989-673-285-1 (edição original 978-80-7106-907-2)

© Fevereiro 2013, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

Perspetiva: o Evangelho como hermenêutica dos paradoxos da vida. – *Estamos habituados a olhar o Evangelho como o mapa que nos descreve o Céu. Menos habituados estaremos em ver também nele a gramática que nos interpreta o mundo. Pois é assim que o Cristianismo surge no discurso de Halík: como justa gramática da vida. O Cristianismo insinua-se aqui como uma hermenêutica válida das luzes e sombras do nosso viver.*

Paciência que não é aqui uma virtude moral, mas uma atitude intelectual: perante os paradoxos da vida há que suster o juízo precipitado e dar tempo para que a verdade que assim se esconde se possa revelar. O Jesus de Halík é, pois, um «mestre do paradoxo». Deus ama os paradoxos. A Bíblia é o livro dos paradoxos. O Cristianismo, o lugar onde o dramático paradoxo de Deus revelado e oculto se esclarece, sem contudo se resolver ou dissolver. O que qualifica o Cristianismo como justa hermenêutica é a sua paciência para com o paradoxo. Tanto o paradoxo do mundo, como o paradoxo de Deus. O Cristianismo vive no paradoxo.

ALEXANDRE PALMA, do «Prefácio»

Concordo com os ateus em muitas coisas, muitas vezes em quase tudo... exceto no que diz respeito à sua não crença de que Deus existe. Perante o bulício mercantil de artigos religiosos de todo o género, eu, com a minha fé cristã, por vezes, sinto-me mais próximo dos céticos, dos ateus, dos agnósticos, críticos da religião. Com certo tipo de ateus partilho um sentimento de ausência de Deus no mundo. Contudo, considero a sua interpretação de tal sentimento demasiado precipitada, como que uma expressão de impaciência.

* * *

Há poucas coisas que apontem para Deus e apelem tão instantemente a Deus como a experiência da sua ausência. Essa experiência é capaz de levar alguns a «acusar Deus» e, eventualmente, a rejeitar a fé. No entanto, existem muitas outras interpretações dessa ausência, de modo particular na tradição mística, e outras formas de reconciliação com ela. Sem a doloro-

sa experiência de um «mundo sem Deus», é difícil para nós apreender o sentido da busca religiosa, bem como de tudo o que queremos dizer acerca da «paciência com Deus» e dos seus três aspetos: fé, esperança e amor.

* * *

Estou convencido de que uma fé madura deve incorporar essas experiências, a que alguns chamam «a morte de Deus» ou – de forma menos dramática – o silêncio de Deus, embora seja necessário sujeitar essas experiências a uma reflexão interior, além de se lhes submeter e de as ultrapassar com sinceridade e não de uma forma superficial ou fácil. Não pretendo dizer aos ateus que eles estão errados, mas que têm falta de paciência.

* * *

Era de manhãzinha cedo, e a neve fresca cobria as ruas de Praga. Aliás, era tudo bastante fresco naquela época, em meados da década de 1990. Poucos anos antes, o regime comunista caíra durante a «Revolução de veludo», bem como o seu monopólio de poder político e policial, e, pela primeira vez em várias décadas, a democracia parlamentar genuína fora restaurada.

Sim, ainda estava tudo bastante fresco, conservando um «cheirinho» da liberdade recém-conquistada. No entanto, já tinham passado alguns anos desde a «Revolução de veludo», e as primeiras vagas de euforia e o seu emocionante confronto com espaços abertos já eram coisas do passado. As ilusões iniciais tinham-se evaporado, e muitos problemas e complicações até então insuspeitados começavam a manifestar-se na vida pública. Se a nossa relação com Deus se baseasse apenas na convicção de que Ele existe, que pode ser adquirida de forma indolor através de uma avaliação emocional da harmonia do mundo ou de um cálculo racional de uma cadeia universal de causas e efeitos, não corresponderia àquilo que eu tenho em mente quando falo de fé.

* * *

Mas naquela manhã invernososa, não era para a igreja nem para a universidade que eu me dirigia, mas para o edifício do parlamento. Entre as novidades daquela época, contava-se o costume, estabelecido vários anos antes, de convidar um membro do clero ao parlamento, uma vez por ano, imediatamente antes do Natal, para dirigir uma breve alocução...

* * *

Concluí a alocução que dirigi aos deputados e senadores – a maior parte dos quais, provavelmente, nunca teriam tido uma Bíblia nas mãos – com uma referência à cena do Evangelho de Lucas, em que Jesus atravessa a multidão, em Jericó, e se dirige inesperadamente a um chefe dos cobradores de impostos, que o observa às ocultas por entre os ramos de uma figueira...

Zaqueu poderá parecer a alguns um incorrigível individualista, um «marginal»; ali onde as outras pessoas se mostram imediatamente dispostas a alinhar em fileiras entusiásticas ou furiosas, ele procura instintivamente um esconderijo entre os ramos de uma figueira. Não o faz por orgulho, como poderia parecer; afinal, está bem ciente da sua «pequena estatura» e das suas grandes faltas, das suas lacunas em relação a postulados e desafios absolutos...

Há muitos Zaqueus entre nós. O destino do nosso mundo, da nossa Igreja e da sociedade depende – mais do que estamos dispostos a admitir –, até que ponto esses Zaqueus serão seduzidos ou não.

* * *

Sinto que o meu principal objetivo é ser um vizinho compreensivo para aqueles a quem parece impos-

sível unirem-se às multidões exultantes sob as bandeiras desfraldadas de qualquer cor, para aqueles que se mantêm à distância.

Eu gosto dos Zaqueus. Penso que recebi o dom de compreendê-los. As pessoas interpretam, com frequência, a distância que os Zaqueus mantêm como uma expressão da sua «superioridade», mas não me parece que tenham razão – as coisas não são assim tão simples. Tenho visto, pela minha experiência, que é antes consequência da sua timidez. Em certos casos, a razão para a sua aversão às multidões, de modo particular às que usam *slogans* e estandartes, é por suspeitarem que a verdade é demasiado frágil para ser cantada na rua.

* * *

Talvez tenha chegado o momento de abandonarmos grande parte do «vocabulário piedoso» que utilizamos no nosso discurso e nos nossos estandartes, que perdeu o seu verdadeiro significado para nós, devido ao seu uso constante e muitas vezes descuidado. Algumas das nossas piedosas expressões já se transformaram num «tambor rebentado», deixando de ser capazes de cantar os louvores de Deus.

* * *

No seu *best seller*, *What Jesus Meant*, Garry Wills tem toda a razão ao descrever Jesus como um adversário explícito da «religião da elite do templo» e ao interpretar no mesmo tom, não só a cena bem conhecida de Jesus e dos cambistas, mas também várias outras passagens dos Evangelhos, incluindo a maldição da figueira estéril e a sua declaração subsequente de que «este monte» – o Monte do Templo! – podia ser levantado e lançado ao mar pela fé dos seus discípulos. Não é coincidência que essa passagem termine com a promessa de que as orações serão ouvidas: a fé e a oração são as únicas coisas necessárias para comunicar com Deus; as ofertas no templo já não são necessárias. De forma muito semelhante, Jesus diz à samaritana que chega a hora em que já não serão necessários templos, nem o de Jerusalém, nem o da Samaria – o Monte Garizim –, porque os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em *espírito e verdade*.

* * *

No entanto, enquanto eu meditava sobre o encontro de Jesus com Zaqueu e com os inúmeros outros exemplos do seu «interesse prioritário pelas pessoas situadas nas franjas», impressionou-me que talvez hoje

seja necessária qualquer coisa extra para seguirmos plenamente as pegadas de Cristo: um interesse ou, melhor ainda, um interesse prioritário pelas pessoas situadas nas franjas da fé, aquelas que permanecem na antecâmara da Igreja, se realmente chegarem a aproximar-se tanto dela. Trata-se de um interesse pelas pessoas situadas na «zona cinzenta» entre a certeza religiosa e o ateísmo, um interesse pelos que duvidam e pelos que procuram.

* * *

Assim como a Igreja deve libertar-se não só dos sinais exteriores de triunfalismo barroco – como recomendou o último Concílio – mas, acima de tudo, do triunfalismo monopolista de ser o único repositório da verdade. Também me parece útil ou até essencial, no tempo presente, em que vários tipos de religiosidade comercial oferecem os seus produtos de forma tão atraente, tomar a sério o facto de que Deus *não está assim tão «facilmente apreensível»*.

* * *

Deus é mistério: deveria ser esta a primeira e a última frase de qualquer teologia. Sempre que nós esc-

re vemos ou dizemos alguma coisa acerca de Deus, cada uma das nossas frases deveria ser acompanhada por dois anjos a gritar «Mistério! Mistério!», como é prática na liturgia do Oriente – à semelhança dos guerreiros de Israel, que marchavam para o combate precedidos por cantores. Na minha escrivania, em Praga, tenho um grande anjo de madeira que me recorda: «Se vais escrever acerca de Deus, lembra-te que estás a entrar numa nuvem de enigma.»

* * *

É possível que a minha compreensão para com as pessoas que «não vão à igreja» derive em parte do facto de que, desde que me tornei sacerdote – ou antes, desde que emergi do «subsolo», da «ilegalidade», e que me foi confiada a tarefa de fundar e de conduzir uma paróquia muito específica de Praga –, deixei de ir muito à igreja (a não ser à minha, claro). Quase não ouço sermões além dos meus.

Contudo, ouvi há pouco tempo um sermão de um dos meus colegas, cujo tema era «Maria, imagem da Igreja». A ideia de que a mãe de Jesus é um ícone da Igreja, tão querida de João Paulo II, não me é estra-

nha, em particular se desenvolvermos essa metáfora no espírito da Igreja oriental e da sua teologia baseada em ícones. No entanto, esse sermão pareceu-me tão docemente sentimental, superficial e sem brilho, que, no fim, me senti impelido a sugerir outra metáfora ao pregador: a Igreja como Dulcinéia de Toboso.

* * *

Segundo Badiou, no seu *Anticristo*, Nietzsche caricaturou completamente a doutrina de Paulo e o papel deste, mas uma das suas intuições estava correta: nada da vida de Jesus interessa a Paulo; Paulo só queria saber «da morte na cruz, e de pouco mais». Mas esse «pouco mais», esse «pouco» que conquista a morte, foi precisamente o eixo fundamental para Paulo.

Sim, poderíamos concordar que Paulo ignora por completo o ensinamento de Jesus e que praticamente não presta atenção à sua pregação, aos seus milagres ou à sua vida como um todo, tal como é descrita nos Evangelhos – com uma exceção: os acontecimentos da Páscoa. Paulo constrói todo seu Evangelho, toda a sua versão do Cristianismo, apenas com base na Páscoa [de Jesus] – na Eucaristia, na cruz e na ressurreição.

* * *

Uma jovem da Normandia foi lançada nas trevas daquilo que ainda tendia para uma espécie de «ateísmo intelectual» de finais do século XIX, enquanto para o inferno de Auschwitz – instrumento satânico de liquidação das pessoas escolhidas – foi enviado esse sacerdote polaco e também uma carmelita judia, Edith Stein, que se convertera da cultura intelectual moderna. Levanta-se, inevitavelmente, a seguinte questão: Quem será aquela luz de Deus nas trevas do mal galopante do «terrorismo religioso»? Quem enviará Deus para sofrer essa forma particularmente refinada de afastamento de Deus «em nome de Deus»? Quem mostrará aos cristãos de hoje que não devemos responder à violência apenas com violência, nem invocar o nome de Deus em «guerras santas» sem Deus, e como é que eles se revelarão?

* * *

Se eu vier a ser assassinado, sou capaz de entender e de aceitar que alguém me possa matar pelas minhas convicções políticas ou religiosas, ou simplesmente porque o meu rosto não lhe agrada, mas horroriza-me só de pensar que alguém me pudesse matar, apenas porque eu ia a passar na Oxford Street, às 10h42m

de uma manhã de terça-feira. Esta forma de matar, completamente indiscriminada, priva as vítimas da *sua identidade* e da sua dignidade humana, como se fossem vítimas das câmaras de gás, despojadas das suas roupas.

* * *

O jesuíta indiano Anthony de Mello chamou a atenção para o facto de em parte nenhuma dos Evangelhos Jesus ter pedido aos pecadores que manifestassem remorsos: não há lugar para remorsos no processo de conversão. Esse processo é um acontecimento de profunda alegria. A aflição suscitada pelo pecado sempre se misturou com a alegria e a gratidão pelo dom do perdão e pela sua generosa aceitação.

* * *

São Zaqueu tornou-se o padroeiro e o protetor dos eternos buscadores, dos «vigilantes». E, para nossa surpresa, o seu papel não é *convertê-los* (qualquer velho santo poderia fazê-lo), mas velar pela sua paciência na antecâmara da fé. Afinal, Deus tem de ter «dos seus» mesmo fora dos edifícios das igrejas; aliás, também os tem nos intrincados labirintos da busca, em que os «piedosos» nunca se perderam nem sequer se aventuraram...

* * *

Acreditar num Deus que não vemos também significa, no mínimo, esperar que Ele esteja onde nós não o podemos ver e, muitas vezes, onde estamos absolutamente convencidos que Ele não está nem poderia estar.

* * *

Certa noite, depois de uma conversa extremamente longa e muito cansativa com um rapaz que, tal como eu, durante anos não se conseguira decidir sobre se acreditava ou não em Deus – e, acreditando, se a sua fé seria suficiente –, disse-lhe: «Sabes, não é tão importante ter a certeza de que acreditas em Deus. Com efeito, o mais importante não é se tu acreditas nele. O fundamental é que Deus acredita em ti. E talvez, neste preciso momento, seja suficiente para ti ter consciência disso».

* * *

Há apenas uma forma de conquistarmos esse apaixonado ateísmo de protesto: abraçando-o. Abracemo-lo com a paixão da nossa fé e abençoemo-lo: façamos da sua experiência existencial parte da nossa própria

experiência. Só poderemos obter a bênção da maturidade se a nossa fé tomar a sério a experiência humana da tragédia e da dor, e se suportar essa experiência sem a banalizar com consolações religiosas fáceis. A fé madura é a permanência paciente na noite do mistério.

SUMÁRIO DA OBRA

- CAPÍTULO 1 – Interpelando Zaqueu
CAPÍTULO 2 – Bem-aventurados os afastados
CAPÍTULO 3 – Longe de todos os sóis
CAPÍTULO 4 – Os pés descalços
CAPÍTULO 5 – A disputa acerca da Beleza de Dulcinea del Toboso
CAPÍTULO 6 – Uma carta
CAPÍTULO 7 – Desconhecidos, mas demasiado próximos
CAPÍTULO 8 – O espelho da Páscoa
CAPÍTULO 9 – Tempo para ajuntar pedras
CAPÍTULO 10 – Tempo para curar
CAPÍTULO 11 – São Zaqueu
CAPÍTULO 12 – O Eterno Zaqueu

TOMÁŠ HALÍK nasceu em Praga, no ano de 1948. Licenciou-se em Ciências Sociais e Humanas, em 1972, na Universidade Charles, Praga.

Pouco depois, iniciou, clandestinamente, a formação superior em Teologia, que veio a concluir, já depois da queda do muro de Berlim, numa importante universidade pontifícia de Roma.

Foi perseguido, durante a ocupação comunista, como «inimigo do regime». Trabalhou como psicoterapeuta numa unidade de acompanhamento a toxicodependentes. Em 1978, sempre na clandestinidade, foi ordenado sacerdote e tornou-se um dos assessores mais próximos do cardeal Tomášek, figura emblemática da chamada «Igreja do Silêncio». Com o fim do Comunismo, foi nomeado conselheiro do presidente Václav Havel e, posteriormente, Secretário-Geral da Conferência Episcopal Checa.

Actualmente, ensina Sociologia e Filosofia da Religião na Universidade Charles, em Praga. Tem também exercido a docência, como professor convidado, em

universidades tão prestigiadas como Oxford, Cambridge e Harvard. É membro da Academia Europeia da Ciência e da Arte e foi consultor do Conselho Pontifício para o Diálogo com os Não-Crentes.

Os seus livros estão traduzidos em numerosas línguas. Foi distinguido com prémios nacionais e internacionais de literatura e de diálogo intercultural e inter-religioso, como o *Prémio Cardeal König* (2003) ou o *Prémio Romano Guardini* (2010). O seu livro *Paciência com Deus*, que a Paulinas Editora apresenta ao público português, recebeu o galardão de «Melhor Livro Europeu de Teologia de 2009/10» e, nos EUA, foi destacado como «Livro do Mês», em julho de 2010.

<http://www.halik.cz/ja/english.php>

“Concordo com os ateus em muitas coisas, muitas vezes em quase tudo.... Muitas vezes também me sinto oprimido pelo silêncio de Deus e pela sensação do Seu afastamento. Percebo que a natureza ambivalente do mundo e dos inúmeros paradoxos da vida pode dar origem a expressões tais. No entanto, a paciência é aquilo que eu considero a principal diferença entre fé e ateísmo.”

Tomáš Halík

“Um livro extraordinário...”

Cardeal Reinhart Marx
Arcebispo de Munique

“Talvez o que mais impressione em Tomáš Halík seja esta sua delicada atenção a quem se conserva à distância...”

Alexandre Palma
Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa

“Penso de Tomáš Halík o que penso de G. K. Chesterton, C. S. Lewis, Thomas Merton ou Henri Nouwen – uma rara combinação de inteligência com o invulgar compromisso de não trair nunca o genes que nos une a todos, crentes e não-crentes, como filhos de Deus.”

Doris Donnelly
John Carroll University (Cleveland, OH)